

**ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE  
VITÓRIA - EMESCAM  
GRADUAÇÃO EM MEDICINA**

Alice Alvarenga Bregonci

Cláudio de Britto da Silva

Maressa de Souza Santos

**O FENÔMENO DA MEDICALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL NA PANDEMIA DE  
COVID-19:  
UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

VITÓRIA

2022

ALICE ALVARENGA BREGONCI  
CLÁUDIO DE BRITTO DA SILVA  
MARESSA DE SOUZA SANTOS

**O FENÔMENO DA MEDICALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL NA PANDEMIA DE  
COVID-19:  
UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Medicina da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória - EMESCAM como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Medicina.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Luis Renato da Silveira Costa

Coorientador(a): Prof<sup>a</sup>. Vanezia Gonçalves da Silva

VITÓRIA

2022

ALICE ALVARENGA BREGONCI  
CLÁUDIO DE BRITTO DA SILVA  
MARESSA DE SOUZA SANTOS

**O FENÔMENO DA MEDICALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL NA PANDEMIA DE  
COVID-19:  
UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Medicina da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória - EMESCAM como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Medicina.

Aprovado(a) em 10 de Novembro de 2022

**BANCA EXAMINADORA**



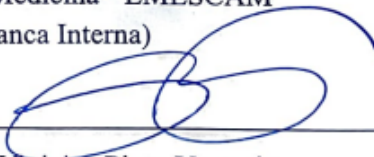
---

Dr. Luis Renato da Silveira Costa  
Docente de Medicina - EMESCAM  
(Orientador)



---

Dra. Marcela Souza Lima Paulo  
Docente de Medicina - EMESCAM  
(Banca Interna)



---

Dr. Marcos Vinicius Pinto Ventorin  
Docente de Medicina - EMESCAM  
(Banca Interna)

## RESUMO

**Introdução:** Diante das transformações históricas, sociais e culturais, o olhar sobre a saúde mental sofreu profundas mudanças. Logo, a psiquiatrização da vida e do sofrimento é um processo que ocorre de longa data: padrões cada vez mais inalcançáveis de saúde e bem estar, mesmo diante dos cenários mais críticos como a pandemia de Covid-19. **Objetivo:** Conhecer o impacto da pandemia de Covid-19 na saúde mental, compilando as informações disponibilizadas na literatura científica global. **Métodos:** Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, utilizando como recorte temporal artigos originais publicados de 2019 a 2021, nas bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Clarivate, Scopus e PubMed. **Resultados:** O isolamento social, a crise econômica e o medo diante da infecção presentes no cenário pandêmico resultaram na deterioração da saúde mental e aumento do sofrimento psíquico. Dessa forma, houve a adoção de estratégias de enfrentamento que resultaram na elevação do consumo de álcool, drogas e outros psicotrópicos. **Conclusões:** Refletir acerca do processo de adoecimento mental da população é essencial, principalmente em um contexto de profundas mudanças, como a pandemia de Covid-19. Essa análise se faz necessária para que seja possível a adoção de estratégias para reduzir os impactos desse quadro na saúde.

**Palavras-chave:** Saúde mental. Covid-19. Medicalização.

## ABSTRACT

**Introduction:** Faced with historical, social and cultural transformations, the view on mental health has undergone profound changes. Therefore, the psychiatrization of life and suffering is a process that has been taking place for a long time: increasingly unattainable standards of health and well-being, even in the face of the most critical scenarios such as the Covid-19 pandemic. **Objective:** To know the impact of the Covid-19 pandemic on mental health, compiling the information available in the global scientific literature. **Methods:** An integrative literature review was performed, using original articles published from 2019 to 2021 as a time frame, in the following databases: BVS, Clarivate, Scopus and PubMed. **Results:** Social isolation, the economic crisis and fear of infection present in the pandemic scenario resulted in the deterioration of mental health and increased psychic suffering. Thus, there was the adoption of coping strategies that resulted in increased consumption of alcohol, drugs and other psychotropic drugs. **Conclusion:** Reflecting on the process of mental illness of the population is essential, especially in a context of profound changes, such as the Covid-19 pandemic. This analysis is necessary so that it is possible to adopt strategies to reduce the impacts of this situation on health.

**Keywords:** Mental health. Covid-19. Medicalization.

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
1.1. A BUSCA HISTÓRICA POR UM “ESTADO DE SAÚDE”	6
1.2. PANDEMIA MUNDIAL POR COVID-19: QUAIS FORAM SUAS REPERCUSSÕES?	8
<b>2. DESENVOLVIMENTO</b>	<b>11</b>
2.1. MÉTODOS	11
2.2. RESULTADOS	15
2.3. DISCUSSÕES	22
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>26</b>
<b>4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>28</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. A BUSCA HISTÓRICA POR UM “ESTADO DE SAÚDE”

Para compreender e contextualizar os significados de saúde, há a necessidade de se conhecer a longa análise de processos históricos e culturais que se modificaram ao longo do tempo. Intrínsecas a tais processos estão as diferentes visões sobre o conceito em questão: “o que é saúde?”

Para Moacyr Scliar (2007), a saúde é um produto do cenário histórico, cultural, político e socioeconômico de cada indivíduo, que engloba valores, concepções científicas, religiosas e filosóficas particulares. Diante disso, pode-se fomentar discussões relevantes acerca do que é considerado como saúde e doença, tendo em vista que esses conceitos são tão complexos quanto os contextos nos quais os indivíduos estão inseridos, contemplando grande variabilidade de concepções e formas de se entender a práxis humana.

O autor resgata o conceito da Organização Mundial da Saúde (OMS), a qual afirma que a “saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade”. A partir de tal assertiva, Moacyr questiona a amplitude desse conceito, uma vez que o mesmo é genérico e abre margem para um ideal inatingível. Ele também afirma que historicamente o Estado se utilizou de tal conceito para intervir e abusar das individualidades de cada cidadão, sob a falsa premissa de promoção de saúde.

A partir dessa ideia, a construção de um estado de saúde ideal e bem-estar completo pode guardar relação com a busca incessante do homem moderno por formas rápidas para a cura de suas dores e inquietações, fomentando o uso abusivo e indiscriminado de psicofármacos e outras substâncias psicotrópicas. Frente de pensamento oriundo do século XVIII com a Revolução Industrial, que entende o corpo como um mecanismo capaz de gerar bens e riquezas, a ideia do “homem-máquina” incita até os dias atuais a necessidade de alívio imediato de tudo o que atrapalha a produção em massa, categorizando aspectos sociais, culturais, biológicos, psicológicos, comportamentais e éticos do ser humano como erros e percalços capazes de reduzir a produtividade, e gerando, assim, uma predisposição ao uso cada vez maior de meios psicotrópicos no combate primário dos agravos e inquietações da humanidade.

Estudos realizados na década de 1950 com o objetivo de analisar o impacto da evolução dos conhecimentos médicos e científicos no cotidiano dos indivíduos observaram uma tendência ao consumo exagerado de vitaminas e à prática de atividades físicas, bem como o aumento do número de cidadãos diagnosticados com alguma enfermidade a partir dos meios de comunicação vigentes, como revistas ou reportagens de televisão (SILVA, 2017). Logo, é possível observar que o aumento dos diagnósticos, percebido em diferentes espaços, como escolas e salas de atendimento médico e psicológico, é resultado de uma busca incessante por um estado de saúde vendido pela grande mídia. Uma consequência direta desse processo é a banalização do uso de medicamentos, tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo (BRITO, 2012).

Ratificando este cenário, Rocha et al. (2019) propõe a notoriedade da ascensão da indústria farmacêutica como determinante para a construção de conceitos como normalidade e anormalidade, ditando padrões e discursos que normalizam o abuso de medicamentos com a justificativa de atingir o bem-estar e a felicidade.

Com o advento da aplicação de novos critérios diagnósticos houve um crescimento substancial de doenças como depressão, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e quadros de ansiedade, que a princípio são abordados sob a perspectiva do tratamento medicamentoso. Os autores ainda relacionam esse panorama com as ideias de Rolnik (1996), de que o consumismo decorrente da globalização é capaz de gerar uma produção de perfis de pessoas padronizadas, que não leva em consideração as identidades individuais com todas as suas particularidades. Diante dessa problemática, Dallmann (2014) ressalta que o que está em pauta não é a veracidade ou inveracidade da existência de doenças como a depressão, e sim a forma como elas são apropriadas pela indústria farmacêutica como forma de geração de lucros.

Apropriando-se da narrativa do progresso da ciência e dos protocolos diagnósticos, a psiquiatria passou a ser pretexto para interesses privados no cuidado com os indivíduos. A psiquiatrização então culminou com a ampliação das diretrizes diagnósticas e consequente aumento do número de doenças mentais, que invariavelmente necessitam de algum tipo de tratamento (POMBO, 2017). De acordo com essa lógica, no Brasil e no mundo houve uma inclinação ao aumento de prescrições e consumo abusivo de psicofármacos, e como forma de estimular esse processo encontra-se no centro da problemática a mídia, instigando um padrão



inalcançável de saúde e bem estar, e a indústria, com a criação cada vez mais rápida de novas drogas.

## 1.2. PANDEMIA MUNDIAL POR COVID-19: QUAIS FORAM SUAS REPERCUSSÕES?

Em dezembro de 2019 emergiram casos de uma doença infecciosa causada por um novo coronavírus, inicialmente detectado na China, porém devido sua alta taxa de transmissão logo se estendeu a outros países, e em março de 2020 a OMS categorizou a nova doença como uma pandemia mundial (BARBOSA, 2021).

Este novo estado de saúde mundial resultou em grandes interrupções na infraestrutura de saúde pública e nas normas sociais. Dentre as principais medidas implantadas pelos governos durante a pandemia por Covid-19 para controle da transmissão da doença, incluíram-se o distanciamento social e o fechamento de serviços não essenciais. Situação nunca antes vivida pela maioria da população mundial, esteve fortemente associada ao aumento da sensação de solidão, ansiedade, depressão, automutilação e tentativas de suicídio (HOLMES, 2020). Além disso, o estresse econômico, incluindo dificuldades financeiras e perda de emprego foi relacionado com a piora da saúde mental, levando ao aumento dos suicídios, uso de substâncias e violência (OZILI, 2020). Ademais, o fechamento de empresas, escolas e outras entidades públicas resultou no acesso reduzido ou modificado ao tratamentos de saúde, tanto os usuais como os relacionados à saúde mental, serviços de apoio à dependência química e de recuperação e serviços concebidos para apoiar as famílias que sofrem ou correm o risco de violência (GOLBERSTEIN, 2020).

A respeito disto, um levantamento feito a pedido do Conselho Federal de Farmácia (2020) dá pistas do quanto o novo coronavírus afetou a saúde mental dos brasileiros. Tal estudo apontou que, no período de janeiro a julho de 2020, em comparação com o mesmo período do ano de 2019, houve um crescimento de quase 14% nas vendas de antidepressivos e estabilizadores de humor. O número de unidades vendidas passou de 56,3 milhões em 2019 para 64,1 milhões em 2020. No caso dos anticonvulsivantes o aumento foi de quase 13%. As unidades vendidas passaram de 46,2 milhões em 2019 para 52,1 milhões em 2020.

É importante destacar que o aumento nessa aquisição de psicotrópicos traz riscos intrínsecos ao seu uso, como constatado em estudo realizado nos Estados Unidos

(HOLLAND, 2020). Este demonstrou que durante o período pandêmico de 2020, em comparação ao ano de 2019, os atendimentos a casos de overdose por opióides e outras drogas nas unidades de emergência exibiram grande aumento. Tal observação pode ser justificada pela dificuldade ao acesso médico para orientações quanto ao uso de medicamentos, induzindo a automedicação, e pelo aumento do fornecimento e circulação de drogas ilícitas nesse período.

O padrão de consumo de álcool e drogas também sofreu influência pelo cenário pandêmico. A Global Drug Survey (GDS, 2010), levantamento anual acerca do uso de drogas, realizou uma edição especial sobre o Covid-19, com levantamento de dados durante o período de maio a junho de 2020, na tentativa de entender melhor os impactos da pandemia na vida das pessoas, com foco específico no uso de álcool e outras drogas, saúde mental e relacionamentos. Dados da pesquisa apontaram que no Brasil houve um aumento de 17,2% no consumo de maconha e 13,1% no consumo de álcool em 2020. Registrou-se também um aumento de 7,4% no uso de cocaína e de 12,7% no uso de benzodiazepínicos como diazepam e clonazepam. Tais dados corroboram com a teoria de que álcool e drogas estão sendo utilizados como válvula de escape para o estresse e sofrimento mental causado pela nova realidade de isolamento social causada pela pandemia.

Nesse contexto, outros países também demonstraram alterações nos hábitos de consumo de álcool. Durante o período de lockdown, pesquisa publicada pela revista *The Lancet Gastroenterology and Hepatology* (2020) mostrou o aumento de 31,4% no volume mensal de venda de bebidas alcoólicas no Reino Unido e no mesmo artigo, é relatado que um quinto das pessoas que já bebiam antes da quarentena passaram a beber mais diariamente<sup>16</sup>. Em consonância, um estudo realizado na Alemanha com aproximadamente 2000 integrantes registrou que 35% deles relataram ingerir mais álcool durante o isolamento social (KOOPMANN, 2020).

Outro comportamento nocivo que sofreu alteração pela pandemia foi o tabagismo, que atualmente é a principal causa de morte evitável no mundo. Dados da pesquisa *ConVid - Pesquisa de Comportamentos* mostraram que 34% dos adultos fumantes aumentaram a quantidade de cigarros consumidos por dia em relação ao período antes da pandemia (SZWARCOWALD, 2021).

Diante de todo o cenário atual, então, é inevitável dizer que a pandemia de Covid-19 afetou de maneira substancial a vida da população em um contexto global. Como

consequência disso, as relações humanas sofreram profundas mudanças, provocadas pelo isolamento físico, adoecimento ou mesmo pelas perdas que foram, e ainda podem ser, vivenciadas no contexto pandêmico. A forma como o modo de vida foi modificado e o isolamento social instaurado, fez com que a população brasileira e do mundo rearranjasse suas relações interpessoais e consigo mesma. Desta maneira, é possível perceber, dois anos depois do início da pandemia de Covid-19, as consequências que tal mudança repentina no estilo de vida ocasionou nos indivíduos. Sendo assim é relevante analisar o efeito potencializador desse período diante de entraves já intrínsecos à sociedade, relacionados à amenização do sofrimento e fuga da realidade.

Então, este trabalho objetiva conhecer o impacto de Covid-19 na saúde mental, compilando as informações disponibilizadas na literatura científica global, destacando o padrão de uso de medicamentos e psicotrópicos e outras substâncias psicoativas antes e durante a pandemia de Covid-19.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. MÉTODOS

Este é um estudo de revisão integrativa de literatura, que versa acerca da questão norteadora: qual foi o padrão de mudança no consumo de medicamentos psicotrópicos e outras substâncias psicoativas antes e durante a pandemia de Covid-19 e o impacto do período na saúde mental.

O processo foi dividido em seis fases: (1) elaboração da pergunta norteadora; (2) busca ou amostragem na literatura; (3) coleta de dados; (4) análise crítica dos estudos incluídos; (5) discussão dos resultados; e (6) apresentação da revisão integrativa (SOUZA, 2010).

A primeira fase foi a identificação do objeto, com a elaboração da pergunta norteadora para a revisão: Quais as evidências científicas publicadas na atualidade sobre o impacto da pandemia de Covid-19 na saúde mental e no uso de medicamentos e outras substâncias psicoativas?

A segunda fase foi o levantamento de dados através das bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed, Scopus e Clarivate. A busca por material foi realizada a partir dos seguintes descritores: “*Mental Health*” and “*Covid-19*” and “*Medicalization*”, direcionada pelos descritores selecionados no Portal de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) na BVS, norteado pela proximidade do objetivo em questão.

Delimitou-se como recorte temporal o período de publicações de artigos de 2019 a 2021 e nesta fase encontrou-se 1911 publicações, sendo 151 pela BVS; 1599 pelo PubMed; 161 pelo Clarivate e 0 pelo Scopus.

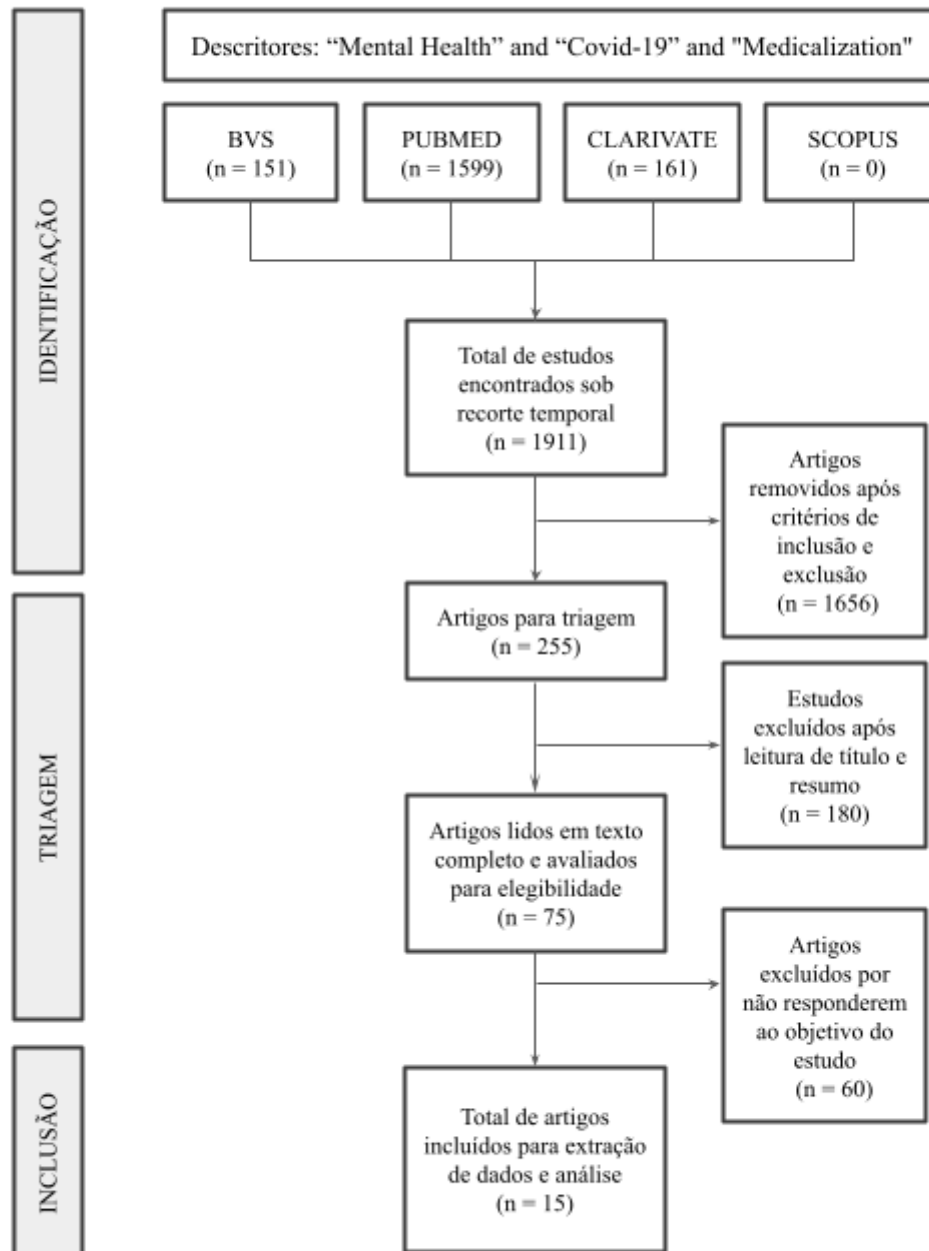
Adotou-se como critérios de inclusão: artigos publicados em inglês e português e com disponibilidade de texto completo em suporte eletrônico. Por outro lado, como critério de exclusão, foram determinados: artigos duplicados, artigos de revisão ou de opinião, teses, dissertações, cartas ao editor, comentários, ensaios, manuais, artigos que versem sobre condutas terapêuticas e escolhas de drogas. Nesta fase encontrou-se 255 artigos. Estes passaram por leitura crítica de seus resumos, e após esta avaliação totalizaram 75 artigos.

A amostra se deu a partir da leitura completa dos artigos encontrados que responderam ao problema da pesquisa, totalizando 15 artigos incluídos para compor esta revisão. Após a

seleção, cada um dos 3 autores do trabalho ficou responsável pela retirada dos dados de 5 artigos.

Todo o processo de busca e seleção dos artigos está apresentado no fluxograma (Figura 1).

Figura 1. Fluxograma do processo de busca e seleção dos artigos.



Fonte: Elaborado pelos autores, por meio de adaptação do Fluxograma PRISMA (2015).

Quadro 1 - Artigos incluídos para análise no estudo

Artigos	Autores	Ano / País	Desenho
1. Depression, Environmental Reward, Coping Motives and Alcohol Consumption During the COVID-19 Pandemic	McPhee, Matthew D et al.	2020/ Canadá	Estudo transversal
2. Impact of COVID-19 pandemic on mental health: An international study	Gloster, Andrew T et al.	2020/ 78 Países	Estudo transversal
3. Exploratory study on the psychological impact of COVID-19 on the general Brazilian population	Serafim, Antônio P et al.	2021/ Brasil	Estudo transversal
4. Comparing actual and forecasted numbers of unique patients dispensed select medications for opioid use disorder, opioid overdose reversal, and mental health, during the COVID-19 pandemic, United States, January 2019 to May 2020	Jones, Christopher M et al.	2021/ EUA	Estudo transversal
5. Psychological and behavioural responses to COVID-19: a China–Britain comparison	Goodwin, Robin et al.	2021/China e Reino Unido	Estudo transversal
6. Factors associated with stress, anxiety, and depression during social distancing in Brazil	Souza, Alex Sandro R et al.	2021/ Brasil	Estudo transversal
7. Surging trends in prescriptions and costs of antidepressants in England amid COVID-19	Rabeea, Shahad A et al.	2021/ Inglaterra	Estudo transversal
8. Changes in the pattern of suicide attempters visiting the emergency room after COVID-19 pandemic: an observational cross sectional study	Kang, Ji-Hun et al.	2021/ Coreia do Sul	Estudo retrospectivo
9. Psychotropic medications sales during COVID-19 outbreak in Italy changed according to the pandemic phases and related lockdowns	Farina, B et al.	2021/Itália	Estudo retrospectivo observacional
10. Assessment of depressive symptoms in patients with COVID-19 during the second wave of epidemic in Myanmar: A cross-sectional single-center study	Htun, Ye Minn et al.	2021/ Myanmar	Estudo transversal
11. Psychological responses during the COVID-19 outbreak among university students in Bangladesh	Islam, Md Saiful et al.	2020/ Bangladesh	Estudo transversal
12. Loneliness, depression, anxiety, and post-traumatic stress disorder among Chinese adults during COVID-19: A cross-sectional online survey	Xu Z, Zhang D, Xu D, et al.	2021/China	Estudo transversal
13. Impact of COVID-19 Pandemic on Sleep Quality, Stress Level and Health-Related Quality of Life-A Large Prospective Cohort Study on Adult Danes	Didriksen, Maria et al.	2021/ Dinamarca	Coorte
14. Original quantitative research – Changes in alcohol consumption during the COVID-19 pandemic: exploring gender differences and the role of emotional distress	Thompson, Kara et al.	2021/ Canadá	Estudo transversal
15. Impacts of COVID-19 on Youth Mental Health, Substance Use, and Well-being: A Rapid Survey of Clinical and Community Samples	Hawke, Lisa D et al.	2020/ Canadá	Estudo transversal

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

## 2.2. RESULTADOS

Diante das evidências encontradas na literatura, alguns artigos analisados por este estudo trouxeram escalas de avaliação de sintomas como depressão, ansiedade e estresse com o propósito de identificar possíveis fatores de risco para a deterioração da saúde mental, como por exemplo a *Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS-21)*. O estudo de Alex Souza (2021) avaliou a prevalência de estresse severo/extremo, ansiedade e depressão na população brasileira e determinou os fatores associados a esses sintomas durante a pandemia de Covid-19. Neste estudo os fatores de risco em comum associados aos três sintomas analisados foram: idade jovem; sexo feminino; ter reduzido a prática de atividade de lazer; ter aumentado o uso de medicamentos e cumprimento das medidas de isolamento social. Poder trabalhar em casa e usar a internet para atividades de lazer foram fatores de proteção contra o estresse.

Quanto aos sinais e sintomas clínicos de depressão grave/extrema, ter apresentado diminuição da renda familiar; estar desempregado e uso de drogas ilícitas também foram encontrados como fatores de risco.

O estudo de Md. Saiful Islam (2020) também avaliou a prevalência de depressão, ansiedade e estresse com a DASS-21, bem como fatores associados, entre estudantes universitários de 18 a 29 anos em Bangladesh no início do surto de Covid-19. As estimativas de prevalência de depressão, ansiedade e estresse resultantes neste estudo foram, respectivamente, 76,1%, 71,5% e 70,1% para sintomas leves, 62,9%, 63,6% e 58,6% para sintomas moderados, 35,2%, 40,3% e 37,7% para sintomas graves e 19,7%, 27,5% e 16,5% para sintomas muito graves. Os escores DASS-21 foram significativamente maiores entre os participantes que relataram ser do sexo feminino, ter idade entre 25 e 29 anos, não praticar exercícios físicos, ter insatisfação com o sono, passar mais horas navegando na internet e fumar.

O estudo de Antônio Serafim (2021) também fez uso da DASS-21 para avaliar a prevalência de sintomas psicológicos em uma população brasileira durante a pandemia de Covid-19. Foi evidenciado que 46,4% dos participantes apresentaram sintomas de depressão, 39,7% de ansiedade e 42,2% de estresse. Em relação às estratégias de enfrentamento, 61,3% relataram aumento das horas de sono e 40,8% perceberam aumento da ingestão de alimentos, álcool, drogas, tabaco e medicamentos. As taxas de depressão e ansiedade foram maiores em



mulheres, pessoas que tiveram contato com outras pessoas infectadas ou devidamente diagnosticadas com o vírus.

Outro estudo que avaliou o impacto do Covid-19 na saúde mental da população foi o de Andrew Gloster (2020). Nele foram encontrados como fatores de risco para o estresse com grande significância: ser do sexo feminino e apresentar piora das finanças.

No estudo feito por Ye Minn Htun (2021) a escala do Center for Epidemiologic Studies Depression (CES-D) foi usada para a avaliação de sintomas depressivos em pacientes com Covid-19. Os fatores associados aos sintomas depressivos foram: 40 anos ou mais, baixa renda, tabagismo e infecção em membros familiares.

O estudo realizado por Z Xu (2021) em adultos chineses avaliou fatores associados à saúde mental e demonstrou que 38,7% dos participantes foram rastreados positivos para solidão. Os maiores escores de solidão foram relacionados a bebedores compulsivos e usuários de mais medicamentos. Sintomas depressivos importantes foram encontrados significativamente associados ao consumo excessivo de álcool no último ano, maior tempo de tela e medo de ser infectado. Fatores de risco para ansiedade foram idade mais jovem, consumo excessivo de álcool, mais medicamentos tomados regularmente e para aqueles com casos de Covid-19 próximos, com maior medo de ser infectado.

No estudo de M. Didriksen (2021), comparando-se as mudanças evidenciadas na qualidade de vida relacionada à saúde antes e durante a pandemia, foi observada piora para ambos os sexos durante a pandemia de Covid-19. Em média, houve um aumento na proporção de participantes que sofrem de insônia e ansiedade. Em relação às mudanças na qualidade de vida relacionadas à saúde mental, o fator mais proeminente associado à deterioração na saúde mental foi perder o emprego durante a pandemia para ambos os sexos. Também para ambos os sexos, ter prescrição de medicação antidepressiva previamente preenchida associou-se à melhora da saúde mental.

O artigo de R. Goodwin (2021) traz uma pesquisa online realizada na China e no Reino Unido a partir de março de 2020. Os resultados apontaram que 19,1% dos entrevistados na China estavam em risco de doença mental grave (DMG) e no Reino Unido essa taxa era de 16,6%. O risco de DMG estava entre aqueles em quarentena e em entrevistados mais jovens. Notou-se com o artigo, que em todos os países, a quarentena foi associada a pior saúde mental, enquanto maior sofrimento psicológico foi associado a maior taxa de automedicação.

Para o estudo de Ji-Hun Kang (2021) , o número de pacientes que visitaram o pronto-socorro após uma tentativa de suicídio foi de 400 durante o “período pré-Covid-19” e 440 durante o “período Covid-19”. Houve mais mulheres do que homens que compareceram ao pronto-socorro após tentativa de suicídio nos dois períodos. O número de tentativas em casa foi maior durante o “período Covid-19” do que o “período pré-Covid-19”. Quando analisamos o método de tentativas de suicídio, o número de tentativas por overdose de antipsicóticos prescritos ou pílulas para dormir foi maior durante o “período Covid-19” do que o “período pré-Covid-19”.

No estudo de Lisa D Hawke (2020), em uma escala de 1 a 5, a amostra clínica classificou os sintomas de saúde mental em uma média de 3,06 antes do COVID-19 e 3,48 nas últimas 2 semanas do questionário durante o período pandêmico, feito em 2020. Na amostra da comunidade, esses escores foram 2,49 e 3,14, respectivamente. As análises estatísticas do estudo apontam que há um efeito principal significativo do tempo, mostrando que a saúde mental se deteriorou durante a pandemia. Quando solicitados a especificar seu sintoma de saúde mental de maior preocupação, na amostra clínica 25,7% dos jovens especificaram depressão ou tristeza, 17,0% ansiedade, 5,8% suicídio ou auto-agressão, e 4,7% uso de substâncias. Na amostra da comunidade, 13,3% dos jovens especificaram depressão, 10,7% ansiedade, 2,6% pensamentos suicidas ou desejos de automutilação e 0% uso de substâncias. Os participantes relataram interrupções nos serviços de saúde mental e outros serviços relacionados à saúde. Outros serviços sociais e recreativos também foram interrompidos. Muitos jovens relataram precisar de serviços de saúde mental e uso de substâncias, que não estavam recebendo no momento. Preocupações com saúde mental foram frequentes, assim como preocupações sobre adoecer e preocupações financeiras ou de trabalho.

Tabela 1: Variáveis comuns encontradas como fatores de risco para o declínio do bem estar psíquico durante a pandemia de Covid-19

	<b>Variáveis</b>	<b>Nº de artigos</b>	<b>Autores</b>
<b>Alta incidência de estresse, ansiedade e depressão durante a pandemia</b>	Isolamento social	6	McPhee, Matthew D et al. Jones, Christopher M et al. Goodwin, Robin et al. Souza, Alex Sandro R et al. Didriksen, Maria et al. Gloster, Andrew T et al.
	Comorbidades prévias	5	Htun, Ye Minn et al. Serafim, Antônio P et al. Xu Z, Zhang D, Xu D, et al. Souza, Alex Sandro R et al. Islam, Md Saiful et al
	Sexo feminino	4	Souza, Alex Sandro R et al. Islam, Md Saiful et al. Gloster, Andrew T et al. Serafim, Antônio P et al.
	Vulnerabilidade socioeconômica	4	Htun, Ye Minn et al. Souza, Alex Sandro R et al. Didriksen, Maria et al. Gloster, Andrew T et al.
	Idade jovem	4	Souza, Alex Sandro R et al. Goodwin, Robin et al. Islam, Md Saiful et al Xu Z, Zhang D, Xu D, et al.
	Diminuição de atividades recreativas	4	Xu Z, Zhang D, Xu D, et al. Souza, Alex Sandro R et al. Islam, Md Saiful et al Didriksen, Maria et al.
	Contato ou infecção por Covid-19	3	Htun, Ye Minn et al. Serafim, Antônio P et al. Xu Z, Zhang D, Xu D, et al.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

O estudo de Christopher Jones (2021) descobriu que 1 em cada 7 adultos dos Estados Unidos relataram sérios problemas psicológicos em abril de 2020, durante o pico de medidas

de isolamento social. Além disso, dados emergentes indicam que as overdoses de drogas aumentaram durante o mesmo período de pico das medidas de isolamento social.

Acerca da mudança na dispensação de medicações psicotrópicas, dois artigos abordaram o número de prescrições e venda de medicamentos utilizados para tratamento de distúrbios ansiosos-depressivos. O estudo feito por Shahad Rabeea (2021) examinou as tendências de prescrição de antidepressivos durante a pandemia, em comparação com período semelhante nos três anos anteriores, para avaliar o impacto da pandemia de Covid-19 e bloqueios associados na prescrição de antidepressivos. Verificou-se que o número máximo de antidepressivos foi dispensado em março de 2020, quando o Covid-19 foi oficialmente declarado como uma pandemia pela OMS. O consumo geral foi maior ao longo da pandemia (janeiro de 2020 a setembro de 2020), exceto em maio e agosto, em comparação com o consumo em meses semelhantes durante 2019. Entre as diferentes classes de antidepressivos, Inibidores Seletivos de Recaptação da Serotonina (ISRS) e antidepressivos tricíclicos (AT) foram as duas mais prescritas. Os itens de prescrição e a quantidade dispensada para as três classes de antidepressivos (AT, ISRS e outros) foram maiores em 2020 em relação a 2019.

No estudo de Farina B. (2021) foram investigadas as vendas de três classes de medicamentos psicotrópicos utilizados no tratamento do espectro ansioso-depressivo: benzodiazepínicos, estabilizadores do humor e ISRS. Considerando a natureza cíclica da Covid-19 sendo caracterizada por picos e ondas, a análise foi concentrada em três momentos da pandemia na Itália correspondentes aos períodos de bloqueio: (1) março a maio de 2020 (ou seja, a primeira onda e o primeiro bloqueio, T1), (2) junho a setembro de 2020 (ou seja, fase de reabertura, T2) e (3) outubro de 2020 a fevereiro de 2021 (ou seja, a segunda onda e bloqueio, T3). Esses pontos de tempo foram comparados com os mesmos do ano anterior (ou seja, período não pandêmico). Como esperado, o primeiro resultado detectado foi a diminuição do número de clientes de farmácias durante a primeira e a segunda onda de Covid-19 em comparação com o mesmo período do ano anterior. Apesar disso, considerando todos os medicamentos psicotrópicos considerados, observou-se um ligeiro aumento durante o período de pandemia em comparação com o ano anterior. Com foco nos momentos considerados, em comparação com o ano anterior, observou-se um aumento em todas as vendas de medicamentos psicotrópicos considerados durante o período de pandemia em T2. Por outro lado, uma diminuição foi observada durante o período de pandemia em T1 e T3.

O artigo de Matthew McPhee (2020) traz aspectos relacionados à depressão e consumo de álcool durante a pandemia Covid-19. Os resultados foram avaliados por meio de autorrelato retrospectivo para dois períodos de tempo: os 30 dias anteriores ao distanciamento social exigido pelo estado e os 30 dias após o início do distanciamento. Dados mostraram que, quanto à mudança autorrelatada, os participantes relataram maior gravidade dos sintomas depressivos pós-distanciamento social. Ainda, os participantes relataram significativamente mais episódios de compulsão pós-distanciamento social.

Como previsto, os participantes endossaram motivos de enfrentamento (por exemplo: “para esquecer suas preocupações”) significativamente maiores após o distanciamento social. Níveis mais baixos de probabilidade de recompensa (por exemplo: “sinto uma forte sensação de realização”) previram maior gravidade dos sintomas depressivos; níveis mais altos de motivos de enfrentamento subsequentemente previram aumentos no índice do consumo álcool. Níveis mais altos de angústia relacionada ao Covid-19 previram maiores níveis de consumo de álcool para lidar com isso.

O estudo de Kara Thompson (2021) também avaliou, durante o período de pandemia de Covid-19, mudanças nos padrões de consumo de álcool e associações entre o aumento do consumo e sentimentos de estresse, solidão e desesperança. Dentre os resultados, 76,9% dos participantes relataram saúde mental e bem-estar de bom a excelente, e a mesma proporção relatou beber álcool. Cerca de 12,2% dos entrevistados relatou que começou a beber com mais frequência desde março de 2020, 49,9% relataram que bebiam quase o mesmo, 14,8% relataram que bebiam menos e 23,1% relataram que não bebiam. Em termos de sofrimento emocional, desde o início da pandemia de Covid-19, aproximadamente 43,5% dos entrevistados relataram sentir aumento dos níveis de estresse, 38,4% relataram aumento dos sentimentos de solidão e 25,3% relataram aumento dos sentimentos de desesperança.

Os entrevistados que relataram beber com mais frequência desde o início da pandemia de Covid-19 eram, em média, mais jovens e mais propensos a relatar saúde mental regular ou ruim e taxas mais altas de estresse, solidão e desesperança. Os entrevistados do sexo masculino eram mais propensos do que os entrevistados do sexo feminino a relatar serem alcoólatras, enquanto os entrevistados do sexo feminino eram mais propensos a relatar sentimentos de estresse e desesperança desde o início da pandemia de Covid-19.

Para confirmar os efeitos temporais da associação de mudanças no sofrimento emocional com mudanças na frequência de consumo em função da pandemia de Covid-19, foi

avaliada a associação de aumento de sentimentos de estresse, solidão e desesperança em beber pesado sustentado (definido como beber entre 4 dias por semana a diariamente/várias vezes por dia). Para todas as três medidas, o estresse, solidão e desesperança, não houve associação direta entre sentimentos aumentados e consumo excessivo de álcool, porém, como medidas de compensação e recompensa, houve um aumento no consumo de álcool. Essa observação apoia ainda mais a descoberta de que o sofrimento emocional relacionado à pandemia pode estar associado a mudanças na frequência de consumo.

Tabela 2: Substâncias encontradas com uso aumentado durante a pandemia de Covid-19

	<b>Variáveis</b>	<b>Nº de artigos</b>	<b>Autores</b>
<b>Aumento do consumo durante a pandemia</b>	Medicamentos	5	Serafim, Antônio P et al. Jones, Christopher M et al. Rabeea, Shahad A et al. Farina, B et al. Souza, Alex Sandro R et al.
	Álcool	3	McPhee, Matthew D et al. Serafim, Antônio P et al. Thompson, Kara et al.
	Tabaco	2	Htun, Ye Minn et al. Serafim, Antônio P et al.
	Drogas ilícitas	1	Serafim, Antônio P et al.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

### 2.3. DISCUSSÕES

Após a compreensão de que a medicalização da vida é um processo antigo, que se maximizou na era contemporânea com a ascensão do Capitalismo, e que se relaciona com os processos históricos e sociais, buscou-se, então, avaliar e discutir como um determinado lapso da pandemia por Covid-19 impactou no padrão de adoecimento psíquico e na busca por formas de medicalizar o sofrimento causado pelas inúmeras mudanças oriundas desse período.

Em vista disso, esta pesquisa observou que os principais fatores de risco associados a maiores índices de ansiedade, depressão e estresse durante a pandemia foram: idade jovem; ser do sexo feminino; ter apresentado diminuição da renda familiar; estar desempregado; ter reduzido a prática de atividade de lazer; ter aumentado o uso de medicamentos; cumprimento das medidas de isolamento social; ter tido contato próximo com pessoas infectadas e/ou ter sido devidamente diagnosticado com o vírus. Por outro lado, poder trabalhar em casa foi um fator de proteção associado a esses sintomas.

Ainda, observou-se que pessoas que apresentam comorbidades prévias (tanto psiquiátricas e não psiquiátricas) são mais suscetíveis ao declínio e adoecimento psíquico, uma vez que as doenças comuns, como diabetes, hipertensão, etc., são fatores de risco para maior morbimortalidade da Covid-19, o que cursa com maior medo e ansiedade da doença. Além disso, no que tange às comorbidades psiquiátricas, muitos pacientes ficaram sem acesso aos serviços de apoio psicossocial e medicamentos, dado que uma das principais medidas adotadas durante a pandemia foi o isolamento social (OZAMIZ-ETXEBARRIA, 2020).

As mulheres são mais propensas a sofrer de estresse severo/extremo, ansiedade e depressão. Esse achado é corroborado por estudos realizados no Brasil e em outros países, que relatam maior risco entre mulheres em condições semelhantes de distanciamento social. Isso pode ser explicado pelo papel socialmente imposto da mulher como cuidadora familiar, fazendo com que ela assuma as tarefas domésticas além da ocupação, o que as sobrecarrega física e psicologicamente e aumenta sua susceptibilidade a transtornos mentais. Estudos realizados antes da pandemia já demonstravam que as mulheres eram mais propensas a desenvolver distúrbios psicológicos, seja pela dupla carga de trabalho e/ou influências hormonais (SOUZA, 2021).

Já o efeito do nível econômico sobre os sintomas psicológicos durante a pandemia mostra que as pessoas em situação econômica e social desfavorecida são afetadas em muito maior extensão devido ao menor acesso aos cuidados de saúde, incapacidade de quarentena sem risco de perder o emprego ou diminuir a renda, entre vários outros fatores, tornando esse grupo ainda mais vulnerável (CAMPOS, 2020).

Durante o período pandêmico os jovens tornaram-se um grupo vulnerável ao declínio do bem estar psíquico dentre os artigos analisados, corroborando com achados na literatura. Estudos semelhantes evidenciaram maior repercussão psíquica em indivíduos de faixas etárias mais jovens, o que pode ser justificado pela imaturidade emocional e pouca resiliência em enfrentar situações atípicas, como no caso do isolamento social (SOUZA, 2021).

Outro fator de risco apontado pelas evidências que influenciou negativamente na saúde mental da população foi a redução das atividades físicas e de lazer. É sabido que a prática de exercício atua na regulação da ansiedade e estresse, reduzindo hormônios estressores e elevando hormônios do bem-estar, como a endorfina, que exerce papel fundamental na saúde mental dos indivíduos. Além disso, outras atividades de lazer tiveram que ser suspensas durante o período de isolamento, o que implicou ainda mais no adoecimento psíquico.

Acerca do uso de internet, alguns artigos encontraram essa variável como fator de proteção enquanto outros artigos a encontraram como fator de risco em uma análise da DASS-21. Tal flutuação ocorre em razão de que, dependendo da forma como é usada, a internet pode ser considerada um gatilho para sentimentos negativos ou um espaço de entretenimento e válvula de escape para o estresse vivido.

Tendo assim acesso a tais dados e analisando-os, pode se inferir que os principais agentes causadores de declínio do bem-estar psíquico durante a pandemia foram a crise econômica, o isolamento social e o medo da infecção pelo vírus.

Diante então do que pôde ser observado na análise das evidências encontradas, pode-se notar que a pandemia por Covid-19 afetou fortemente a saúde mental dos indivíduos, posto que toda crise traz consigo dor e sofrimento.

Mediante a esses desafios impostos pela pandemia, foram adotadas algumas estratégias de enfrentamento, como aumento do número de indivíduos que iniciaram ou aumentaram o consumo de medicamentos para lidar com o estresse ou emoções relacionadas às medidas de isolamento social. Além disso, em outra pesquisa, participantes relataram aumento das horas de sono, aumento da ingestão de alimentos, álcool, drogas e tabaco.



O consumo geral de antidepressivos foi maior ao longo da pandemia, em comparação aos meses semelhantes durante 2019. Contudo, devido à diminuição do número de clientes de farmácias durante a primeira e a segunda onda de Covid-19 em comparação com o mesmo período do ano anterior, foi vista uma diminuição da venda de psicotrópicos nestes momentos. Apesar disso, entre os picos de infecção, durante o período de reabertura de serviços, a venda desses medicamentos aumentou a ponto de superar os números pré-pandemia, o que possibilita um vislumbre do status da saúde mental durante esse período. Entre as diferentes classes de antidepressivos, os ISRS e AT foram as duas mais prescritas.

Outros estudos apontam que o uso de alguns medicamentos psicotrópicos reduziram em comparação ao período pré-pandêmico, o que também pode ser justificado pelo acesso limitado aos serviços de saúde e unidades prestadoras de atendimento e dispensadoras de tais substâncias em alguns países, uma vez que a maioria dos esforços concentraram-se em medidas para o controle da doença.

No tangente ao uso de outras substâncias psicotrópicas a ingestão etílica nesse cenário configurou-se como agente de muita importância. Uma vez que houve declínio dos fatores de recompensa ambiental, bem como elevação dos níveis de angústia, depressão e sofrimento psíquico no geral, muitos indivíduos relataram aumento da compulsão por álcool durante a faixa de tempo pandêmica estudada, em comparação com o período anterior. Entretanto, quando analisa-se os desfechos de causa-efeito diretamente, a pandemia não se relacionou diretamente com o aumento do consumo de bebidas alcoólicas, sendo esse aumento da ingestão de álcool efeito secundário/indireto do impacto psicológico da pandemia, servindo então como um fator para lidar com a dor e sofrimento. Seguindo essa lógica, outra evidência aponta que entre sentimentos de estresse, solidão e desesperança e beber pesado sustentado, não houve associação direta, porém, como medidas de compensação e recompensa, houve um aumento no consumo compulsivo de álcool.

Diante de todo o exposto, urge a necessidade de pensar em práticas para arrefecer e ir contra a lógica medicalizante por si só, pois já se tem comprovações científicas suficientes de que esta não é capaz de prover a melhoria que é necessária, principalmente em momentos de crises, como uma pandemia. O que nos reporta a pensar na interprofissionalidade como alternativa para a priorização de uma saúde com foco na prevenção, quando comparada à medicina curativa, flexneriana.

Com base na assertiva do Comitê Nacional para Promoção do Uso Racional de Medicamentos: “Uso de medicamentos e medicalização da vida: recomendações e estratégias”, do Ministério da Saúde (2019), temos que é imprescindível a fomentação de ações na atenção básica, visando o alerta dos perigos da medicalização da sociedade.

Para se entender melhor tal ideia na realidade brasileira, é necessário remeter o conceito do Sistema Único de Saúde (SUS), o qual é uma política de Estado democrática e de bem-estar que vem ampliando o acesso ao cuidado à saúde. Com a sua implementação, observou-se progressivo aumento da cobertura da população brasileira em programas de atenção à saúde, contudo, houve continuidade da utilização do modelo biomédico na maioria de seus programas.

Podemos perceber uma concepção que foi reforçada por Illich (1999), que mesmo a medicina perdendo espaço para outras áreas, como: estética, moda, educação física e saúde pública, a lógica nunca deixou de ser medicalizante, uma vez que elas continuaram a difundir uma concepção doentia de cuidado com o corpo e da busca da saúde perfeita. Assim, para o autor, a preocupação obsessiva e compulsiva com o autocuidado por meio do pensar biomédico representa uma forma de auto agressão. Dessa forma, então, urge a necessidade de uma proposta de acolhimento, que visa combater a centralidade do saber médico como único protagonista no processo de saúde da população, dando abertura com vistas a ampliar a clínica realizada por outros profissionais, incluindo outras abordagens que não sejam essencialmente biomédicas para os adoecimentos e demandas (TESSER, 2010). A educação interprofissional, então, é vista como uma alternativa muito importante no combate à patologização dos comportamentos humanos, uma vez que a mesma é capaz de contextualizar o indivíduo, atentando-se para todos os aspectos de sua vida capazes de influenciar na saúde.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desses resultados é possível pensar na vivência emocional frente a calamidades, uma vez que se trata de eventos com importante impacto na saúde física e mental dos indivíduos.

No Brasil, a atenção à saúde ainda necessita de muitos aprimoramentos, uma vez que centros de atendimentos à saúde mental são poucos e de acesso limitado, não havendo o adequado suporte às demandas de atendimento da população. Considerando o exposto, é importante um bom manejo social para tentar minimizar os danos causados à saúde da população. Dois fóruns deliberativos realizados na Austrália no período da SARS e gripe aviária discutiram, entre outros aspectos, a aceitabilidade de medidas de distanciamento social e quarentena. Ao final, chegaram à conclusão que a implementação poderia ser mais bem-sucedida se o público estivesse envolvido no planejamento de uma pandemia antes de uma pandemia e que uma comunicação eficaz dos principais pontos deveria ser uma prática antes e durante a pandemia. Além disso, o uso criterioso de medidas de apoio para ajudar as pessoas em quarentena ou afetadas por medidas de isolamento social é essencial (DAVIS, 2015).

A pesquisa em saúde mental deve ser condutora para a resposta internacional à pandemia de Covid-19, dados os efeitos potenciais na saúde mental individual e populacional e seu efeito potencial na função cerebral de alguns afetados pela doença. Existem importantes insights imediatos a serem obtidos, que podem fornecer orientações baseadas em evidências sobre como responder a essa pandemia e sobre como promover a saúde e o bem-estar mental caso surjam futuras ondas de infecção.

Entre as contribuições desse estudo foram mapeadas características sociodemográficas e de saúde mental de indivíduos no Brasil e no mundo diante de um cenário de pandemia, considerando principalmente os escores identificados de ansiedade, depressão e estresse. Além disso, foram expostos os principais métodos de enfrentamento (por exemplo uso de álcool e uso de medicamentos psicotrópicos) utilizados durante o cenário pandêmico. Diversas características sugerem a necessidade de intervenções para a promoção do bem-estar, principalmente das populações expostas a condições de maior vulnerabilidade como mulheres, jovens e pessoas que não trabalham atualmente. Os dados ressaltam a importância da atenção e os cuidados fundamentais à saúde mental de toda a população e sugere investigações

longitudinais.

Os dados da pesquisa podem fornecer substrato para análise e criação de mecanismos (por exemplo, estratégias de enfrentamento e intervenções preventivas) para apoiar grupos vulneráveis em condições de pandemia, bem como intervenções que podem ser realizadas em condições de pandemia para reduzir problemas de saúde mental e aumentar o bem-estar.

A prioridade imediata é a coleta de dados de alta qualidade sobre a saúde mental e os efeitos psicológicos da pandemia de Covid-19 em toda a população e em grupos vulneráveis específicos. Há uma necessidade urgente de descoberta, avaliação e refinamento de intervenções orientadas para abordar os aspectos psicológicos, sociais e neurocientíficos dessa pandemia. Isso inclui intervenções psicológicas sob medida para aumentar o bem-estar e minimizar os riscos à saúde mental em toda a sociedade, inclusive em grupos vulneráveis. Nestes tempos desafiadores, a ciência da saúde mental deve ser aproveitada para servir a sociedade e beneficiar a saúde mental e física a longo prazo.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, L. N. F. et al. Brazilian's frequency of anxiety, depression and stress symptoms in the COVID-19 pandemic. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 21, p. 413–419, 30 jun. 2021.

BRITO, M. A. DE. Medicalização da vida: ética, saúde pública e indústria farmacêutica. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, p. 2554–2556, set. 2012.

CAMPOS, J. A. D. B. et al. Early Psychological Impact of the COVID-19 Pandemic in Brazil: A National Survey. *Journal of Clinical Medicine*, v. 9, n. 9, p. 2976, 15 set. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA - BRASIL - Notícia: 10/09/2020 - Venda de medicamentos psiquiátricos cresce na pandemia. Disponível em: <<https://www.cff.org.br/noticia.php?id=6015>>. Acesso em: 29 out. 2022.

DA SAÚDE, M. USO DE MEDICAMENTOS E MEDICALIZAÇÃO DA VIDA: recomendações e estratégias Comitê Nacional para Promoção do Uso Racional de Medicamentos. [s.l: s.n.]. Disponível em: <[https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/medicamentos\\_medicalizacao\\_recomendacoes\\_estrategia\\_1ed.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/medicamentos_medicalizacao_recomendacoes_estrategia_1ed.pdf)>.

DALLMANN, D., JOÃO MATHEUS ACOSTA. O mal-estar que sinto: a medicalização do sofrimento em camadas populares. 30 jul. 2014.

DAVIS, M. D. M. et al. Beyond resistance: social factors in the general public response to pandemic influenza. *BMC Public Health*, v. 15, n. 1, p. 436, dez. 2015.

DIDRIKSEN, M. et al. Impact of COVID-19 Pandemic on Sleep Quality, Stress Level and Health-Related Quality of Life—A Large Prospective Cohort Study on Adult Danes. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 18, n. 14, p. 7610, jan. 2021.

FARINA, B. et al. Psychotropic medications sales during COVID-19 outbreak in Italy changed according to the pandemic phases and related lockdowns. *Public Health*, v. 201, p. 75–77, 1 dez. 2021.

GDS COVID-19 Special Edition (2020): Key Findings Report | Global Drug Survey. , [s.d.]. Disponível em: <<https://www.globaldrugsurvey.com/gds-covid-19-special-edition-key-findings-report/>>. Acesso em: 29 out. 2022.

GLOSTER, A. T. et al. Impact of COVID-19 pandemic on mental health: An international study. *PLOS ONE*, v. 15, n. 12, p. e0244809, de dez de 2020.

GOLBERSTEIN, E.; WEN, H.; MILLER, B. F. Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) and Mental Health for Children and Adolescents. *JAMA Pediatrics*, v. 174, n. 9, p. 819, 1 set. 2020.

GOODWIN, R. et al. Psychological and behavioural responses to COVID-19: a China-Britain comparison. *Journal of Epidemiology and Community Health*, v. 75, n. 2, p. 189–192, fev. 2021.

HAWKE, L. D. et al. Impacts of COVID-19 on Youth Mental Health, Substance Use, and Well-being: A Rapid Survey of Clinical and Community Samples: Répercussions de la COVID-19 sur la santé mentale, l'utilisation de substances et le bien-être des adolescents : un sondage rapide d'échantillons cliniques et communautaires. *Canadian Journal of Psychiatry. Revue Canadienne De Psychiatrie*, v. 65, n. 10, p. 701–709, out. 2020.

HOLLAND, K. M. et al. Trends in US Emergency Department Visits for Mental Health, Overdose, and Violence Outcomes Before and During the COVID-19 Pandemic. *JAMA Psychiatry*, v. 78, n. 4, p. 372, 1 abr. 2021.

HOLMES, E. A. et al. Multidisciplinary research priorities for the COVID-19 pandemic: a call for action for mental health science. *The Lancet Psychiatry*, v. 7, n. 6, p. 547–560, 1 jun. 2020.

HTUN, Y. M. et al. Assessment of depressive symptoms in patients with COVID-19 during the second wave of epidemic in Myanmar: A cross-sectional single-center study. *PLOS ONE*, v. 16, n. 6, p. e0252189, 4 jun. 2021.

ILLICH, I. L'obsession de la santé parfaite. *Le Monde Diplomatique*, p. 28, mar. 1999. Disponível em: <<https://www.monde-diplomatique.fr/1999/03/ILLICH/2855>>. Acesso em: 29 out. 2022.

ISLAM, M. S. et al. Psychological responses during the COVID-19 outbreak among university students in Bangladesh. *PLOS ONE*, v. 15, n. 12, p. e0245083, de dez de 2020.

JONES, C. M.; GUY, G. P.; BOARD, A. Comparing actual and forecasted numbers of unique patients dispensed select medications for opioid use disorder, opioid overdose reversal, and mental health, during the COVID-19 pandemic, United States, January 2019 to May 2020. *Drug and Alcohol Dependence*, v. 219, p. 108486, 1 fev. 2021.

KANG, J.-H. et al. Changes in the pattern of suicide attempters visiting the emergency room after COVID-19 pandemic: an observational cross sectional study. *BMC Psychiatry*, v. 21, n. 1, 15 nov. 2021.

KOOPMANN, A. et al. Did the General Population in Germany Drink More Alcohol during the COVID-19 Pandemic Lockdown? *Alcohol and Alcoholism*, v. 55, n. 6, p. 698–699, 20 out. 2020.

MCPHEE, M. D. et al. Depression, Environmental Reward, Coping Motives and Alcohol Consumption During the COVID-19 Pandemic. *Frontiers in Psychiatry*, v. 11, 2020.

OZAMIZ-ETXEABARRIA, N. et al. Niveles de estrés, ansiedad y depresión en la primera fase del brote del COVID-19 en una muestra recogida en el norte de España. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 4, p. e00054020, 2020.

OZILI, P. K.; ARUN, T. Spillover of COVID-19: Impact on the Global Economy. Rochester, NY, 27 mar. 2020. Disponível em: <<https://papers.ssrn.com/abstract=3562570>>. Acesso em: 29 out. 2022.

POMBO, M. F. Medicalização do sofrimento na cultura terapêutica: vulnerabilidade e normalidade inalcançável. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 11, n. 1, 3 abr. 2017.

RABEEA, S. A. et al. Surging trends in prescriptions and costs of antidepressants in England amid COVID-19. *DARU Journal of Pharmaceutical Sciences*, v. 29, n. 1, p. 217–221, 1 jun. 2021.

ROCHA, AC et al. Sofro, logo me Medico: A Medicalização da Vida como Enfrentamento do Mal-Estar / Sofro, portanto, uso Automedicação: A Medicalização da Vida como Enfrentamento do Mal-estar. ID on line *REVISTA DE PSICOLOGIA* , v. 13, n. 46, pág. 392–404, 29 jul. 2019.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* , v. 17, n. 1, pág. 29-41, abr. 2007.

SERAFIM, A. P. et al. Exploratory study on the psychological impact of COVID-19 on the general Brazilian population. *PLOS ONE*, v. 16, n. 2, p. e0245868, de fev de 2021.

SILVA, L. M.; CANAVÊZ, F. O Estudo da Medicalização da Vida e suas Implicações para a Clínica Contemporânea. *Revista Subjetividades*, v. 17, n. 3, p. 117–129, 2017.

SOUZA, A. S. R. et al. Factors associated with stress, anxiety, and depression during social distancing in Brazil. *Revista de Saúde Pública*, v. 55, p. 5, 9 abr. 2021.

SOUZA, M. T. DE; SILVA, M. D. DA; CARVALHO, R. DE. Integrative review: what is it? How to do it? *Einstein (São Paulo)*, v. 8, n. 1, p. 102–106, mar. 2010.

SZWARCWALD, C. L. et al. ConVid - Pesquisa de Comportamentos pela Internet durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: concepção e metodologia de aplicação. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 3, p. e00268320, 2021.

TESSER, C. D.; POLI NETO, P.; CAMPOS, G. W. DE S. Acolhimento e (des)medicalização social: um desafio para as equipes de saúde da família. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, p. 3615–3624, nov. 2010.

THE LANCET GASTROENTEROLOGY & HEPATOLOGY. Drinking alone: COVID-19, lockdown, and alcohol-related harm. *The Lancet Gastroenterology & Hepatology*, v. 5, n. 7, p. 625, jul. 2020.

THOMPSON, K. et al. Changes in alcohol consumption during the COVID-19 pandemic: exploring gender differences and the role of emotional distress. *Health Promotion and Chronic Disease Prevention in Canada*, v. 41, n. 9, p. 254–263, set. 2021.

XU, Z. et al. Loneliness, depression, anxiety, and post-traumatic stress disorder among Chinese adults during COVID-19: A cross-sectional online survey. *PLOS ONE*, v. 16, n. 10, p. e0259012, de out de 2021.